

PIÑON, Nélida. *Coração andarilho*. Rio de Janeiro: Record, 2009. 347 p.



“Ao desejar ser, às vezes, um Simbad marinheiro, em vez da mulher condenada ao degredo do lar, eu simplesmente determinava o grau da minha intensidade interior.”<sup>1</sup> (p. 159). Dispensando relatos íntimos sobre relacionamentos amorosos, maternidade e outras questões comumente associadas à mulher, a escritora brasileira Nélida Piñon, uma das nossas representantes mais premiadas mundo afora, compara-se a Simbad, o marujo, para ilustrar o espírito livre que a rege. É sobre esta evidente personalidade aventureira – e sobre certas outras características encerradas nas entrelinhas – que *Coração andarilho* se delinea e constrói uma Nélida incansável, às voltas com as inúmeras viagens da vida real e da mente criativa que desde criança se definiu pela literatura e pela independência.

Nélida Piñon é herdeira de uma identidade dividida entre dois mundos. Nascida de família imigrante da Galícia, os contrastes entre os costumes da terra de lá e da terra de cá influenciaram toda a sua história e a escrita: “Bem conheço o sentimento incômodo de pertencer a dois países. De transportar, para onde vai, duas noções de pátria.” (p. 334). Muitas vezes seu relato desperta antipatia diante da força de um olhar estrangeiro que tende a se ampliar e dispersar a ponto de Nélida afirmar, ao final, que “O passaporte brasileiro é o único que tenho, conquanto minha identidade seja carioca, grega, espanhola, cosmopolita, camponesa.” (p. 347).

Embora a família tenha criado estratégias para absorver e ser absorvida pela cultura do país que a recebeu, a escritora se declarou *brasileira recente* em seu discurso de posse na ABL, em 1990. Esta bagagem ambígua “afinada com certa visão de mundo inerente ao imigrante” (p. 87) impõe o ritmo da obra. As memórias de Nélida se desenrolam entre ser brasileira e galega, mulher e escritora, independente e mulher, e *Coração andarilho* afirma o quanto vida e literatura se confundem, mas também o quanto é natural para a sua autora viver nesse limiar. A ficcionista se coloca a todo o momento diante da autobiografia e embaça a visão do leitor que busca a verdadeira Nélida em alguma das 347 páginas que tem em mãos. Desde o princípio, ele é avisado:

Meu testemunho é impreciso. Misturo a colheita da memória com a invenção, porque é tudo que sei fazer. Os episódios que aqui registro, de teor familiar e cotidiano, emergem da minha modéstia e dos meus desacertos. A seleção que faço da família, dos amigos, dos pensamentos vagos, compõe o meu horizonte pessoal. Sem dúvida, é arbitrária, apresenta alto grau de subjetividade (p. 7)

Diante de um texto que se propõe testemunho e criação, quem encontramos é a maruja Nélida, que não se prende a uma terra, mas aos valores familiares; que se compromete com a fantasia e dispensa o pré-determinado. O livro percorre a infância da escritora e mostra a menina Nélida, ardorosa admiradora do marujo Simbad, transformar-se na adulta andarilha, protagonista e narradora de suas viagens, verdadeiras ou ficcionais:

Será que esse acúmulo de culturas empilhadas na psique se deve às viagens feitas, às respostas obtidas por conta de acertos contemporâneos? Sei, porém, que pouco vale carimbar o passaporte, sair pelo mundo, frequentar as galerias de arte onde o horror dos nossos tempos exhibe-se em troca de cheques polpudos. Quando o estimulante é sonhar com o amor, a carne, as emoções secretas, a que cheguei com a ajuda de Hesíodo, Safo, Virgílio (p. 112)

A primeira mulher a presidir a Academia Brasileira de Letras tem mão firme também para dirigir a narrativa de sua vida. Sua fala passeia entre fatos determinados, e até alegóricos, como o inusitado encontro entre a menina Nélida e Getúlio Vargas e o passeio à Paquetá em que o tio lança-se de uma árvore; a saga da sua *grei*, como ela se refere à família durante todo o texto; e lembranças sentimentais, dispersas, atemporais, sobre as origens, os valores, as descobertas, a literatura. Tudo recriado longe do medo de confundir o vivido e o narrado.

A afirmação dessa vocação literária é tema constante, o que faz de *Coração andarilho* algo próximo a um romance de formação, no qual se reconstrói o percurso da escritora Nélida Piñon. Ela afirma o sonho que perseguiu ao arrematar cada memória com uma referência à literatura e refletir constantemente sobre o seu ser artístico: “Com este argumento seja, a palavra assombra-me, circula

<sup>1</sup> Todas as referências serão indicadas apenas com o número da página da obra *Coração andarilho*, de Nélida Piñon.

pela ética do meu ser e pela estética da vida. Alarga-se diante de mim como a tela do mundo e a visão que me devolve abarca-me por inteiro. – O corpo é puro verbo.” (p. 43).

O eixo central da autobiografia são as alusões a uma família que a criou para ser o que é. Em alguns pontos, questionamos tantos méritos, pois Nélida é inexorável ao louvar os pais e o avô, figuras centrais de sua história. Mas ela mesma nos antecipa a crítica: “Falo demais da família. Excedo-me em méritos. Talvez exagere para me convencer de que eram como eu os desenho. Mas não importa. Aceito seus eventuais defeitos, fragilidades, a substância que confirma através deles quem sou.” (p. 164).

São marcantes as referências à casa familiar, espaço das memórias mais antigas, da fantasia, da formação estética, dos conflitos de identidade próprios da grei imigrante, os quais, antes de resultarem em trauma, colaboraram com a construção de um *eu* cindido entre o apego às raízes e a liberdade de não pertencer totalmente a lugar nenhum. Neste sentido, a casa rememorada tem “simetria quase ilusória” (p. 9,) e é descrita como “caverna amorosa, familiar e amiga” onde “foi sempre tão fácil ser feliz” (p. 12). Nélida foi criada sem fronteiras entre a realidade e o sonho, num espaço protegido em que as limitações de gênero não passavam pela porta.

A morte é outro tema que permeia *Coração andarilho*: suas páginas têm o sabor agridoce inerente ao trabalho de recompor uma família amorosa e um passado acolhedor que já se desfizeram. Solidão e prazer de estar viva compartilham as entrelinhas nas mesmas formas inenarráveis. Nélida diz “sei-me imortal, mas não me rendo” (p. 225) e cada página comprova sua pretensão de estar aqui e honrar o legado de sua grei.

A lacuna permanece no que diz respeito ao amor, ao matrimônio e à maternidade, assuntos que Nélida não toca ou toca de maneira tão velada que mal os percebemos; fica apenas a impressão de que é deliberadamente que se ausentam. Embora o amor pela família e pela literatura seja abordado de forma explícita, o relacionamento amoroso é apenas insinuado, e ressalta-se uma antipatia da autora em tratar do tema. Quando o menciona, mantém-se coerente ao projeto de vida e ao coração andarilho que a rege:

Mas será que ambicionei este amor de volta, se sofrí em superá-lo, se há muito escolhi a aventura como padrão de excelência e recuso qualquer vínculo que impeça de mover-me para onde queira, sem pedir licença? Se me ofende quem, a pretexto de me amar, restringe minha voz? Ou é o coração que faculto tal dispêndio de emoções só para me ter prisioneira? (p. 247)

O tema amoroso nos leva a pensar na questão do feminino na obra e na vida da escritora que tantas conquistas coleciona. Nélida escolheu a carreira e não se deixou atrapalhar nem mesmo pelo amor. Isso transparece como uma escolha realizada conscientemente, observada a veemência com que afirma: “O pai jamais argumentou ser a mulher talhada para a obediência conjugal, devendo resignar-se à vida do lar. Ou mencionou os obstáculos que encontraria no percurso de uma carreira. Só com os anos fui me dando conta de que não se era mulher impunemente.” (p. 128).

A escritora não se dirige ao tema do feminismo em especial, mas levando-se em consideração a época de sua juventude (Nélida é de 1937), podemos vislumbrar que a afirmativa acima é conclusão de uma vida inteira digladiando por um espaço no céu literário, numa sociedade em que a criação artística foi desde sempre privilégio masculino. Suas memórias não trazem um *ranço* feminista, como muitos denominariam, que nos leve a pensar nas agruras de uma mulher buscando seu lugar ao sol. Apesar de conhecermos o prestígio de Nélida no mundo literário, hoje maior do que o da maioria dos escritores brasileiros homens, ela aqui e ali abre um parêntese para declarar que não foi fácil, e que a questão do gênero esteve, sim, presente na sua trajetória. Ao retomar o passado, ela sustenta a pergunta: “Enquanto indago por que as lides da casa, impostas às mulheres, devem me causar moosa? Por que este destino feminino, sempre ingrato e injusto, quer aprisionar a minha imaginação feroz?” (p. 145). Afirmar que o sucesso absoluto de Nélida é fruto do sacrifício do amor e da maternidade seria ousadia, mas não podemos deixar de pensar no quanto a glória da escritora deve à abstenção da mulher. É a própria Nélida quem atíça o desafio: “Deus sabe o preço que paguei pelas contas do rosário que rezei e pelo atrevimento de existir de forma aventureira” (p. 229).

*Coração andarilho* traz todas essas questões disfarçadas sob a alcunha de *memórias*, como se sua intenção fosse tão simplesmente relatar acontecimentos e lembranças, e não suscitar um levante de discussões sociais e metafísicas. À primeira leitura, Nélida Piñon nos cansa com sua infância perfeita, sua família amorosa, sua bem-sucedida predestinação literária e sua linguagem talhada com um primor que beira o pedantismo. Tudo parece ter corrido bem em seu trajeto, e a obra de sua vida é uma linha reta de ponta a ponta, sem percalços, sem interrupções. Mas um segundo olhar e uma posterior reflexão trazem à tona uma luta que, embora nunca panfletária, é emblemática da mulher nas diversas instâncias da sociedade. Nélida se abstém de determinar o gênero da sua vitória e, tendo superado as barreiras impostas a sua condição feminina (no seu caso

duplamente estrangeira), opta por deixar todos os louros ao que em verdade deveria estar em primeiro lugar: a vocação.

Isolada do mundo, entendi naquele instante que, ao ter escolhido a literatura, capaz de suscitar maravilhas e emoções, também escolhera o espúrio, o sórdido, a

traição, a inveja, o engano, tudo, enfim, que me pudesse fazer sofrer. Não haveria, pois, de que reclamar no futuro. A literatura não me deveria nada; eu, sim devia tudo a ela. E assim tem sido (p. 71).

CAMILA CANALI DOVAL  
Mestranda PUCRS/CNPq